



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. DO SOL, 131—PORTO

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 174—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mactel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)

Um mez 505 (50 reis)
Semestre 230 (300 reis)
Um ano 460 (600 reis)

Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso \$01 (10 reis)

O movimento tipográfico

Quando toda a gente supunha que o movimento tipográfico tivesse esta semana uma solução definitiva, eis que surgem os atropelos policiais. Num país desta ordem, que está sendo governado por um partido democrático, que se julga o mais avançado entre nós, a parcialidade criminosa das autoridades revoita os mais pacíficos, tanto mais que ela entrou num período de ameaças e de perseguições de toda a ordem. Sendo assim, que classificação devemos dar a este regime de moralidades, baubado com o sangue dos sacrificados que se bateram em 14 de maio, na doce ilusão de reeditarem as páginas esfarrapadas da Constituição, repelindo os pimentistas?

Nós cremos bem que se as autoridades fossem de facto nomeadas por um regime de verdadeira democracia, elas nunca se colocariam de chanfalho em punho e de mandados de prisão ao lado dos industriais, sob a imposição destes, mas sim procuraríamos harmonisar as duas partes, apasiguando os ânimos e reprimindo, se tanto fôsse necessário, as bestialidades dos donos de tipografias. Mas não. O chefe do distrito, não sabendo dar solução ao conflito, fazendo cumprir uma lei sancionada já pelo parlamento da republica e advogaa pelos seus proprios correligionários, fuge nesta ocasião para Lisboa, entregando a chefia a segundos, os quais procuram prejudicar o movimento tipográfico por todas as formas.

Alem disso, os industriais, ao que parece, resolveram impôr ás autoridades cá do burgo uma lista de nomes dos que mais têm evidenciado a seu gesto de revolta, para que esses gráficos sejam imediatamente presos, inculindo assim o terror na classe em luta, que não se quer deixar esmagar nos seus legitimas direitos.

Se estivessemos nos tempos ominosos da monarchia, tal facto não nos surpreenderia muito.

Mas como dizem estamos sob o dominio de uma republica democratica, que conta já com duas revoluções pela liberdade de pensamento, pela liberdade de reunião, por todas as liberdades, enfim, esses processos de represálias são de molde a deixar nos indignados. De resto, que causas, que crimes se tem dado entre a classe tipográfica que justifiquem esse acto de terror? Tem havido desordens? Não se tem ela comportado na devida altura?

Parece-nos, até hoje, que sim. Por consequência, todas as violencias são desnecessárias.

Ou estamos num país onde só ha liberdade de se ser explorado e de se morrer de fome?

Bem sabemos que a união dos gráficos tem incomodado bastante essa gente. E se o gesto da força policial desta vez conseguir perder o movimento de reivindicação desses trabalhadores, para outra vez ficará a luta, com mais força ainda, com mais vigor, com mais homogeneidade. Esses processos tirânicos nunca hão de dar o resultado desejado, porque os oprimidos vão despertando, vão abrindo bem os olhos, insurgindo-se contra todos aqueles que se prometram liberdades sobre liberdades e que agora, sem motivos justificados, nos espesinham.

Desejamos, todavia, que os gráficos continuem firmes na sua união e que não esmoreçam ante o facto de alguns dos seus colegas serem presos arbitrariamente.

Estes são os nossos desejos como são os de todos os que sofrem.

Que esta lição sirva de exemplo aos trabalhadores, para que não continuem a deixar se adormecer pelas cantatas liberalescas dos nossos republicanos...

Foram postos em liberdade os gráficos presos as ordens dos srs. industriais. Congratulamo-nos com a liberdade destes nossos camaradas.

sumir-se nestas palavras co tipógrafo Clerc, secretário da Bolsa de Trabalho de Bourg:

«Como se defenderia a classe operária contra as sugestões patrióticas, se o seu internacionalismo se limitasse a vagos e nebulosos sentimentos, que um só recheio de crise europeia faz desvanecer? Como poderia resistir ao militarismo, se reconhecesse a necessidade deste, aceitando o principio de que uma democracia deve ser defendida pelo proletariado contra os ataques dum país qualquer mais atrasado? Se os operários se hipnotizassem na contemplação das belezas do regime capitalista do seu país, esqueceriam que são expropriados. Para eles, só pode haver duas pátrias na humanidade, a pátria dos capitalistas e dos trabalhadores.

A segunda suprime as fronteiras que não podem debilitá-la, e com esta união de todos os explorados dos dois mundos prepara a luta para o total desaparecimento de todos os exploradores».

Pela litografia

Esta classe tem reunido diariamente, não só para tratar do conflito suscitado na litografia nacional, como para deliberar sobre o novo horario de trabalho. As reuniões tem sido muito concorridas, notando-se entre o operariado litográfico um vivo entusiasmo pela conquista da jornada de 8 horas de trabalho.

Foram aprovadas as seguintes moções:

Considerando, que os industriaes de tipografia, litografia e encadernação procuram demonstrar perante a opinião pública a sem razão que assiste ao operariado grafico de reclamar o integral cumprimento da lei que estabelece a jornada de 8 horas de trabalho para as industrias graficas;

Considerando, que esse facto do industrialismo tem por fim amedrontar os timidos, perquanto afirmam publicamente que dando as 8 horas de trabalho serão forçados a reduzir aos ordenamentos actuais;

Considerando, que tudo quanto eles apregoam, bem contra as conclusões da ciencia no que respeita a não toxicidade e insalubridade das referidas industrias não passa de afirmações grutescas e soismaveis, com o fim unico e exclusivo de se eximirem ao cumprimento duma lei do país;

Considerando que a redução dos salarios proposta por essas criaturas representa um roubo descarado e um verdadeiro assalto de bandidos á bolsa já de si estendida do operariado;

A Associação de classe dos litografos, reunida em assembleia geral no dia 20 de agosto de 1915 resolve:

- 1.º Prosseguir no caminho traçado para fazer cumprir a jornada de 8 horas de trabalho
- 2.º Não consentir na redução de salario;
- 3.º Declarar-se em greve no caso dos industriaes litograficos pretenderem levar por diante a criminosa resolução que tornaram publica nos jornais de 19 do corrente;
- 4.º Manter a maxima solidariedade com todas as classes que reclamam o cumprimento exacto da citada lei.

Atendendo a que a firma A. Rodrigues & C.ª volta pela segunda vez, a envia todos os seus esforços no sentido de nos cercar fregalias conquistadas;

Atendendo a que, alem disso, busca todos os pretextos para nos esmagar os movimentos de reivindicação que temos levado á pratica já offrendo alceivamento pessoal estrangeiro para traír esse movimento, já incitando os industriaes a não transigirem com o seu pessoal;

Considerando que esse procedimento é um procedimento infamissimo que merece o mais severo correctivo, sob pena de não haver emenda para a referida firma;

A Classe litografica reunida em assembleia geral resolve:

Declarar, por todos os meios aos seus alcance, e boicote aos produtos fornecidos por essa firma.

Segundo lêmos nos jornais de quinta-feira parte dos industriaes de litografia resolveu declarar o lock-out caso os operarios de litografia não retomem o trabalho até sábado.

A este gesto do industrialismo, deve responder-se com a greve. E' a melhor arma...

O PERIGO ALEMÃO E O PERIGO RUSSO

Segundo o critério que temos adoptado e que julgamos ser o critério anarquista, o perigo que vemos acima de todos nesta guerra e suas consequencias é o perigo capitalista e estatal, revestindo especialmente a forma de militarismo e Imperialismo, ameaçando-nos seja qual for o desfecho da guerra.

Esse perigo pode corporizar-se mais ou menos intensamente neste ou naquele grande Estado ou coligação de Estados (sendo aliás constituído no fundo pela existência e contribuição de todos), neste ou naquele grande império ou grande republica militar, burocrática e politicamente centralizada, a qual, dizia Bakunine, pode tornar-se e forçosamente se há-de tornar uma potencia conquistadora no exterior e opressiva no interior. Mas a dosagem, a pesagem rigorosa das varias corporizações do perigo é questão secundaria para determinação do nosso método de acção e da nossa conduta ante a conflagração entre potencias.

Se não existisse o perigo germânico e houvesse apenas, do outro lado, o perigo tsarista, nem por isso aprovaríamos a atitude da social-democracia tedesca, nem seguiríamos os conselhos a tática, a nosso ver errônea sob o ponto de vista revolucionário, da intervenção ou simpatia pelos toulões e sua «kultur». Continuaríamos a pensar que o perigo russo só pode ser destruído pelos próprios russos, por uma revolução interna, e que o modo mais pratico e fecundo de a ajudar de fora é combater cada um em seu próprio país contra o seu próprio governo e o seu próprio capitalismo. Continuaríamos a pensar que fazer o contrario disso, isto é, aderir voluntariamente á solidariedade patriótica, ser soldado voluntário do Estado, colaborar com as classes inimigas, é provocar do outro lado da fronteira a mesma solidariedade e o mesmo entusiasmo guerreiro, proporcionar ao outro governo e seus servidores francos ou encobertos boas armas patrióticas, e inutilizar ou embarcar a obra revolucionária dos nossos camaradas do país «inimigo». Continuaríamos a julgar que, quando os actos de adesão e colaboração falam retumbantemente, afirmando ao mesmo tempo uma espécie de imperialismo revolucionário, umas certas pretensões a povos-messias transformador e civilizador, que ferem as susceptibilidades do outro povo, por sua vez convencido da mesma superioridade e da mesma missão histórica,—de nada servem os apelos verbais ao povo e aos revolucionários de além-fronteiras, tomados antes como manobras do inimigo para fomentar a desunião.

Se, portanto, apontamos o «perigo russo», foi para mostrar, subsidiariamente, que mesmo nesse terreno não há só o perigo alemão a considerar; e que certa attitude, já anti-revolucionária se se firmasse, por lógica dedução, num facto sólido e averiguado, ainda tem o defeito de camaleão miseravelmente numa base hipotética e mal segura.

Se citamos, portanto, a opinião de Bakunine, foi—já o dissemos no n.º 260 e já o tínhamos dito muito antes—para a contrario ás citações do mesmo autor que nos eram oferecidas. A Aurora, naturalmente, é feita sobretudo para os leitores portugueses; e estes compreenderam decerto muito bem a intenção e o alcance da transcrição no nosso n.º 252, sem necessidade de explicações supérfluas, tanto mais que já estavam dadas de antemão (ver, por exemplo, os nossos n.ºs 243 e 245).

A Acção Libertaria, porém, parecendo desconhecer as nossas opiniões e aqueles antecedentes, não ficou sequer satisfeita com o que dissemos em 18 de Julho e volta á carga no seu número de 6 do corrente.

Volta á carga, insistindo sobre os pontos secundários.

Assim, teima que Bakunine não se refere á politica interna da Alemanha para com os seus súbditos eslavos. Para ver que Bakunine só a isso se refere, nem é preciso ter em vista todo o opusculo donde é tirado o excerpto: basta começar a ler mais dúzia de linhas antes do ponto em que a Acção Libertaria começa a sua citação «Porque não seguem os alemães o exemplo da Inglaterra? Porque não procuram ganhar as simpatias das populações eslavas com o mais completo reconhecimento da sua liberdade?» Bakunine, aliás, occupou-se do problema repetidas vezes, como, por exemplo, nas «Páginas inéditas», escritas em 1872 e publicadas em novembro último na Bataille Syndicaliste. Em certas passagens, também Bakunine se refere ás «populações eslavas» de tal modo que James Guillaume se cre á necessidade de explicar, em notas, que o autor «só fala, como mostra o contexto, das populações eslavas da Prússia e da Austria». Bakunine, por sinal, aconselha essas populações a caírem-se com o proletariado alemão contra todas as classes privilegiadas, contra todos os Estados e contra todos os homees politicos, tanto alemães como eslavos; tal é a unica via de emancipação e salvação para as populações eslavas.

Tal era, pois, o pensamento de Bakunine. Quer isso dizer que não seja traído do pangermanismo á absorção de outros povos, a expansão, a anexação? Varias vezes o afirmou Bakunine e nós não o contestamos. E' a tradição do pangermanismo, do panslavismo e de todos os pans. São bem conhecidas as pretensões russas e relativas manejos, em relação aos eslavos ainda não anexados. E já Bakunine, na passagem acima citada, alludia a isso, quando

escrevia: «Se o proletariado eslavo o da Prússia e a Austria quisesse e pudesse considerar a questão a sangue frio, em breve compreenderia que a nobreza e burguesia eslavas, que lhe exploram o trabalho, assim como a maioria dos seus chefes polticos, pseudo-patriotas eslavos como o Pankovics, os Riegars, os Branners, e tantos outros da mesma laia, que lhe exploram a credulidade, ora concluindo em seu nome a lutas monstruosas com o tsar de todas as Rússias, ora fazendo-o servir de estribo ás ambições não menos sinistras da oligarquia austriaca,—são para elle inimigos bem mais perigosos ainda do que os proprios alemães; precisamente por serem opressores, exploradores e enganadores indígenas».

Mas, repetimos, na questão que se debate é ponto secundário a determinação de responsabilidades. Tenha Bakunine acordado ou não, seja a causa da luta formidável que éte previa e recava a politica interna de Alemanha contra os seus súbditos eslavos, ou o expansionismo austro-alemão, ou o absorcionismo panslavista, ou tudo isso e mais alguma coisa, o caso é que a luta é um facto; e é esse facto consumado que nesta discussão nos deve preocupar (1). Nem percebemos porque, nada tendo nós contestado a respeito das responsabilidades alemãs, a Acção Libertaria teima em esgrimir contra moínhos de vento, abandonando o terreno dos factos para que a chamámos.

Em que consistia o perigo para Bakunine? No desencadeamento do panslavismo, numa luta por éte empreendida sob a bandeira do tsar. Seja mesmo qual for o desenlace, será um longo período de opressão e de militarismo furioso; e se então o tsarismo triunfa, estará a humanidade perdida por muito tempo. O que para Bakunine era perigo futuro, para nós, segundo as suas palavras, é perigo presente, tam presente como o germânico, consequência da mesma luta.

A Acção Libertaria acha que esse perigo é muito reduzido em comparação com o perigo alemão; e nós não teremos grande dificuldade em fazer-lhe essa concessão, se isso lhe dá gosto, pois que, tornamos a repetir, entendemos que o papel especial dos anarquistas não pode regular-se por essas diferenças, sob pena de contradição essencial, teórica e pratica.

Mas sempre gostáramos de que os nossos camaradas nos resumissem em termos claros o que entendem por perigo alemão e por perigo russo, quais as diferenças entre eles, quais os seus meios de acção e quais os seus fretos moderadores.

Falam-nos do contrapêso exercido pelos outros países aliados quanto á Rússia; mas nós compreendemos bem. Compreenderíamos que alegassem a dispersão da vitória pelos Aliados, mais numerosos e heterogeneos; ou ainda a maior capacidade de resistência, o mais desenvolvido espirito revolucionário do operariado das nações aliadas, a opor, dentro de cada uma delas, á reacção militarista, estatal e burguesa triunfante. Isso já o dissemos há um ano, nós mesmos, embora quanto á segunda razão, sobretudo em face da terrivel lição dos factos, tentacionemos fazer brevemente algumas observações sobre as «clivões democraticas», que obliteram e paralisam o espirito revolucionário. Mas o tal contrapêso dos países aliados... Era favor explicarem-nos o que isso venha a ser.

Us factos parecem ir confirmando o que Malatesta predisse há dez meses: uma guerra interminável sem vitória esmagadora, uma paz qualquer, seguida de novos armamentos e novas guerras. Mas suponhamos a Rússia victoriosa. Redobra a opressão dos povos já anexados—finlandeses, polacos, ucranianos, israelitas, etc.—e as novas regiões empolgadas são submetidas ao mesmo regime. A revolução russa é retardada e as populações do império subjugadas umas com as outras. Desenvolve-se o pudero militar, constroem-se novas ferrovias estratégicas, já sem rebuço nem temor. As outras nações armam-se igualmente contra o novo «perigo». Aumenta a influencia russa nos Balcanes, na Turquia Asiática e na Pérsia, abrem-se ao império do tsar as portas do Mediterraneo (o governo inglês já declarou que favorece essa pretensão). O commercio e a industria moscovitas aceleram o seu crescimento dos últimos tempos—com o imperialismo e armamentos correlativos.

Quem exercerá o contrapêso a isto?

«As oligarquias politicas e financeiras dos países aliados, que tem fornecido dinheiro para armar e para esnagar a revolução russa e que traíram agora de repartir com o tsar o mundo e seus mercados?»

«Uma nova aliança europeia contra o «perigo» novo, com outro período de «paz armada» e guerras gerais?»

«O povo das nações aliadas, que não pôde impedir o esmagamento da revolução russa, que dum tsarismo mais fraco só tem obtido quando muito algumas satisfações platónicas, como a liberdade de alguns presos illustres, e que terá de se avir em casa com uma reacção mais forte e animada?»

No anterior artigo, dissemos que nunca pretendemos que as causas da guerra fossem exclusivamente economicas—á Acção Libertaria chama a isto uma confissão! «Confissão»—é muitissimo bom! Muitos de vezes temos sustentado que são aspectos inseparáveis do problema social o aspecto económico, o politico e o moral. Tem-lo sustentado contra os corporatistas, que se encerravam num economicismo de curto al-

COMIDA REQUENTADA A opinião de Krapotkine

Achando muito oportuna, no presente momento, a transcrição de parte dum artigo já aqui reproduzido em 17-12-1911, para ele chamamos a atenção dos nossos leitores, não só para se aclararem dúvidas como para se restabelecer a verdade tam agora deturpada pelos jornalistas burgueses.

«Que contentamento entre os patriotas do socialismo ao constar que em conversa particular o nosso camarada Krapotkine emitira uma opinião que lhes era favoravel—graças á torcedura que lhe deu um escrevinhador do jornalismo parisiense. Krapotkine, um revolucionário tam prestigioso, um sábio... Cobriram-no de elogios.

Pedro Krapotkine, verdadeiramente exprimiu esta ideia fundamental: «Se a França fór invadida por alguma potencia militar, o dever dos revolucionários não é o de cruzar os braços e deixar carta branca ao invasor. E' de começar a revolução social, e de defender o território da revolução para a continuar. A fórmula «greve dos recrutas» não diz bastante».

De certo modo, não nega a tese de Hervé, «greve dos soldados»; completa-a. A «revolução» não é precisamente do programa dos socialistas-nacionalistas que, em caso de invasão, longe de provocar discórdias entre irmãos (?), desejariam marchar como um só homem ao encontro do inimigo,

para defesa da pátria, perdão, da democracia em perigo. Fazer a revolução, e defendê-la depois contra os inimigos de qualquer nação, «versalheses» ou «prussianos»... eis o que quer Krapotkine.

Comparem-se, para maior clareza, as ideias de revolucionário russo, Krapotkine, que defenderia o «territorio da revolução», mesmo «contra os russos», e as dos deputados socialistas do imperio militarizado do Kaiser.

Em todo o caso, a opinião de Krapotkine á discutida. O camarada Charles Albert acha-a assente sobre hipóteses um tanto arriscadas: se a Alemanha, e não a França, fór invasora; se a guerra não fór de interesses capitalistas, mas de principios—á Europa militarista lançando os seus rebates contra a terra onde germina a revolução; se a revolução fór um bloco ligado á sorte da nação, em vez de revestir formas novas, dependentes do internacionalismo operário, tendo por fim antes de tudo uma libertação e uma organização do trabalho.

Nada de confusões! exclama Charles Albert. A greve, suceda o que suceder! Levemos os nossos irmãos estrangeiros a deporrem as armas, com a força irresistivel de exemplo!

Não desanimemos o movimento revolucionário do escol da classe operária franceza, que em face dos governos e capitalistas aterrados, afirma tranquilamente o seu internacionalismo.

As ideias desses militantes operarios podem mais ou menos re-

ANTONIO LORENDO

canço, e contra os socialistas democráticos, para quem a luta política é sómente a luta parlamentar e eleitoral. Agora também, só porque não consentimos em suprimir o factor económico, só porque temos especial encargo em pôr em evidência e em fazer ressaltar a sua importância primária quando todos o encobrem e só vêem os outros factores, aqui-d'el-rei que não lutamos politicamente!

Mas o artigo vai longo e nós tencionamos dentro em breve occupar-nos das causas económicas do conflito.

Não queremos, porém, terminar sem estranhar de novo que a *Acción Libertaria* se preocupe tanto com as causas e responsabilidades da guerra. É uma coisa que também não percebemos lá muito bem.

Se, por hipótese, a declaração de guerra tivesse partido da Rússia e a França e Inglaterra houvessem tomado como a Itália a iniciativa do ataque, seguindo a aliada eslava e temendo o seu esmagamento, seria outro e menor o perigo germânico? Não seria necessário da mesma forma impedir uma vitória alemã, afim de salvar certos valores ideais?

A nosso ver, a ligação dos intervenzionistas devia ser esta: «Pois sim senhores; os culpados são os que vocês dizem; as causas são as que vocês apontam mas o facto—o facto consumado, real, que nós deploramos profundamente—é a guerra; e se desta guerra sai vencedor o imperialismo germânico, o mal é muito maior do que no caso de triunfar o imperialismo adverso. Por isso (aqui, é claro, fala a lógica intervencionista) devemos lutar ao lado dos Aliados».

Compreende-se que nós, como anarquistas, nos occupemos das causas e responsabilidades, pois que pretendemos desmascarar as mentiras patrióticas e o falso idealismo burguês e mostrar que os Estados tendem por sua natureza à oppressão no interior e à conquista no exterior, não havendo entre ellas senão diferenças circunstanciaes e momentaneas. Do contrario, daríamos largo aso à creença na extrema e ilimitada perfectibilidade do Estado, que seria considerado capaz de se tornar instrumento eficaz de paz, ordem e justiça.

Por isso estudamos e revelamos as causas e responsabilidades da guerra e, em vez de as tomar a partir dos últimos dias de julho de 1914, examinamos os antecedentes económicos, políticos, militares e diplomaticos, vendo então desenhar-se na sombra, por trás das disputas de mercados e vias comerciais, por trás das guerras colonias, das conferencias diplomaticas e dos preparativos militares, uma luta feroz em que cada molosso ou cada fradiqueiro mordida e agredia na medida das suas forças: antagonismo austro-russo nos Balcãs e na Gallia, antagonismo anglo-alemão na Turquia, na Ásia Menor e algures, politica das alianças, do «cêrcro» do adversário, das barreiras no seu caminho, dos armamentos, guerra italo-turca, questão de Marrocos, guerra balcânica, etc.

E assim, não só nos custa a distinguir a quem toca o máximo da culpa, mas ainda, ignorando os escuros tramadas das chancelarias, não somos capazes de jurar a completa inocência da própria Bélgica, país colonial ao qual começavam a crescer os dentes imperialistas, e muito menos da Sérvia, atacada de expansionismo, fomentadora de movimentos pansérvicos, instrumento da Rússia, com um papel activo e importante nas duas guerras balcánicas.

Em nome do anarquismo, deviam ao menos conceber-nos a responsabilidade, se não igual, em todo caso equivalente, de todos os Estados.

(1) Tínhamos escrito que a consideração do facto consumado da guerra devia agradar à *Acción Libertaria*, que se presume muito realista; e ela leu torvamente que deve ver com agrado o facto real, consumado da guerra! A palavra *agradar* padra prestar-se a equívoco, e se nisso tivéssemos reparado tê-la-famos evitado com oscrúpulo. Mas, com um pouco mais de calma e boa vontade, o nosso intuito, pelo contexto, teria parecido manifesto à *Acción Libertaria*, que vê com demasiada facilidade, nos contradições «sofistas», «dementes», «etológicas», fazedoras de «subtilidades», gracedores macabros e outras amenidades.

Linguagem exemplar...

Aprendam os operários!

O *Diário de Notícias*, de 16 de Julho, inseria a seguinte noticia, que achamos conveniente arquivar:

O sr. Melo Barreto, deputado por Vila Real, recebeu ontem os seguintes telegramas do sr. dr. Antão de Carvalho, presidente da Camara Municipal da Régua e da Comissão de Viticultura Durienese:

«Régua, 15.—Peço a v. ex.ª signifique ao ex.º Presidente do Ministério, que, sem embargo das explicações dadas ás suas palavras, nós temos um compromisso recíproco, sendo o meu o de renovar e completar o protesto iniciado e suspenso em face das promessas do governo, logo que a defesa do Douro o imponha, como expressi no meu telegrama de 10 de junho, e que, se algum faltar, eu cumprirrei, honradamente, aguardando apenas, que desempenhe o seu mandato a grande Comissão eleita na reunião das colectividades do Norte nos Paços do Concelho do Porto, em 10 do corrente. Não será lícito alegar, depois, o momento eleitoral, o «amôr da Patria» e a «defesa da Republica». Peço a v. ex.ª fique prevenido e atento. O Douro não pôde morrer sob a ignominia de um tratado que a historia julgará devidamente, apurando as responsabilidades de todos nós. Saudos calorosamente e efusivamente v. ex.ª».

O Presidente da Comissão de Viticultura e da Camara Municipal, *Antão de Carvalho*.

«Régua, 15.—A grande Comissão dos representantes dos municípios e

colectividades do Norte chega a Lisboa no sábado pelo rapido das 14 horas. O Douro fará nêsse dia uma grande manifestação de solidariedade com os representantes.—(a) O Presidente da Comissão de Viticultura e da Camara Municipal, *Antão de Carvalho*»

Isto é que se chama falar de papo aos governos, proferindo ameaças tesas e mostrando o valor e crédito dados ás estafadas manhas do «momento eleitoral», do «amôr da patria» e da «defesa da Republica». Isso já não gruda para eles. E para nós, então!...

Mas parece que ás vezes ainda gruda para o Zé Pacóvio. Pois que ponha na linguagem e nos modos dos durieneses os seus candidos olhos.

A proposito de «guerristas»

UMA EXPLICAÇÃO

Tendo o camarada Vicente Garcia escrito que não lhe parecia ser dirigido à *Acción Libertaria* o nosso suelto *Guerristas, porque não?* (n.º 256) aquele jornal respondeu-lhe que se enganou em tal suposição, como o prova a nossa resposta do n.º 260: *Guerristas ou quê?* Ora, no fundo, tem razão o camarada Garcia, pois o suelto não era para... nenhum jornal espanhol. Afinal de contas, temos que explicar o caso, podendo ser desmentidos pelos camaradas a que vamos aludir, se houver falsidade da nossa parte.

Na reunião celebrada em Lisboa entre elementos do *Germinal* e da *Aurora*, o director deste jornal empregou o termo «guerrista». Dois camaradas do *Germinal* protestaram contra o que julgavam malévolo e nós explicámos-lhes que dizíamos aquilo como diziamos, por exemplo, «revolucionários» ou «insurreccionistas», embora na insurreicção houvesse mortandade e dela se servissem homens dos mais variados ideais e para os mais variados fins. Fui da reunião, a explicação prolongou-se amigavelmente, na rua, com um dos protestantes; e este, não aceitando embora todos os nossos argumentos, ficou satisfeito com as nossas explicações sobre as intenções e acabou por dizer:

—Pois sim; mas a maior parte dos leitores tomarão a palavra no sentido offensivo e as divisões agravar-se hão.

—Bem, redarguimos nós; evitaremos para o futuro a applicação dessa palavra aos intervencionistas e aproveitaremos o primeiro ensejo para uma explicação indirecta, visto desagradarem a muitos as discussões entre nós.

—Perfeitamente, assentiu o nosso amigo.

Em casa, lembrámos-nos de que, num dos jornais intervencionistas espanhóis, já passados pelo correio a um camarada distante, viera uma referência á impropriedade do vocabulo. Não nos recordávamos dos termos em que era feita, nem podíamos precisar o nome do jornal; mas para o nosso fim não era isso preciso. Aindamos vagamente a um «semanário anarquista de Espanha» e seguimos na explicação, não a argumentação do jornal que não tínhamos presente, mas o fio da conversa que traváramos.

Nunca pensámos em polemizar com um jornal escrito em lingua diversa e tendo conosco poucos leitores comuns; mas, se nisso tivéssemos pensado, é evidente que teríamos escolhido, para começar, uma questão mais substancial. Foi, pois, para nós uma certa surpresa a resposta da *Acción Libertaria*, tanto mais que não nos lembrávamos de ter lido *guerreiristas*, ou pelo menos, só agora reparávamos nisso. Porque persistimos em crer que, se *guerrista* pode significar aquele que toma parte na guerra ou dela se serve para qualquer fim, seja ou não provocado por elle, já *guerreirista* de guerreiro) parece indicar o militarista, o partidário dos guerreiros e da preparação militar.

Mas, em suma, a resposta vinha, e nós respondemos, não suppondo que havíamos de ser moralmente obrigados a dar estas explicações.

Entretanto, como a *Acción Libertaria* replica longamente ao nosso artigo *Guerristas—ou quê?* longamente voltaremos á carga quando ella tiver terminado a série das suas considerações, esperando que se alargue o horizonte do nosso debate.

O Imperialismo moderno

II

Muitos espiritos superficiais de Espanha e de fora julgaram-se obrigados, provavelmente com a melhor intenção do mundo, dando embora provas de pouca penetração, a elevar a França e a Inglaterra ao grau de campeões da justiça e da liberdade nesta guerra, que ameaça inundar a Europa inteira no seu mar de sangue.

No entanto, são estes os dois países que conseguiram fundar em nossos dias o mais vasto império colonial; são eles os que exploram, protegem, civilizam (?) o maior número do território, e as armas de que se tem servido nem sempre foram, que eu saiba, a suavidade e persuasão. Os imperialistas ingleses dir-vos-hão cheios de orgulho que o sol nunca se pôe nos domínios britânicos; e a França, depois de ter feito em tempos que já lá vão a Declaração de Direitos do Homem e de haver sentido praça do cavaleiro andante endireitador de tortos, foi se apoderando, nas quatro partes do mundo, das melhores e mais férteis regiões, para maior contentamento dos seus mercantes.

Há anos, desde que começou a desenvolver-se o imperialismo económico, que a terra tãda tem sido dada em pasto aos appetes desenfreados de três ou quatro potências que se creem no direito, só porque são fortes, de pôr e dispôr a seu belprazer dos destinos do mundo: eu fico com isto, tu com aquilo, êsse lado é para mim, o outro é teu, etc. Cuba e Filipinas caem nas mãos dos Estados Unidos; a Inglaterra apossa-se cautelosa das riquissimas repúblicas sul-africanas e recentemente do Egipto; a França toca o Tunés, Madagáscar e ontem Marrocos; a Rússia deita os gatzios á Manchúria, Sibéria, Finlândia e Pérsia; a Austria cola a si a Bósnia-Herzegovina; a Itália empalma Trípoli; o Japão engole a Coreia, e assim sucessivamente podemos presenciar a maneira como as grandes potências se entenderam para despojar os povos débeis ou pouco ambiciosos dos bens e riquezas que naturalmente lhes pertenciam.

Qual é a parte do saque que coube á Alemanha nas partilhas?

Segundo a própria opinião dos entendidos na matéria, tanto em França com em Inglaterra, não lhe tocou grande coisa, dada a importância comparativa do país, pois são unânimes em declarar que as colónias alemãs do occidente e oriente em África são do pior que aquelle continente encerra.

Por isso a Alemanha fez escândalo e assetou a quele famoso golpe de Agadir, em 1911, com o qual quis affirmar de modo irrevogável que também queria, por bem ou por mal, tomar parte na partilha do mundo.

A França cedeu, mas desde logo se viu que estava empenhada a luta.

Como a Inglaterra, a França e a Rússia, a Alemanha pretende atodo custo estender os seus domínios, fundar um império colonial, occupar lugar preponderante ao sol.

É preciso que, para a sua industria, a mais intensa do mundo; para o seu commercio, o mais activo e audaz; para a sua população, tam densa que transborda das suas fronteiras; é preciso que, custe o que custar, se abram novos mercados a abastecer, novas empresas, novas explorações.

Declarou-o ella por meio dum das suas mais brilhantes p/ncipias: «A Espanha, os Países Baixos, a França e a Inglaterra tomaram e colonizaram grandes territórios, os mais férteis do mundo. Acaba do soar a hora da Alemanha e é preciso que ella tome no mundo o seu lugar de grande potência directriz».

Para êste fim trabalha há mais de dez anos, mas á cada passo dado no terreno das realizações tropeça com a coligação mais ou menos encoberta das potências rivais, que não pôdam estorços para lhe fazer fraccassar os planos.

Enquanto a Alemanha, gra-

ças a um esforço estupendo das suas classes directoras e industriais, que criavam no país fontes intensissimas de riqueza, se ia impondo nos mercados commerciaes do mundo ás suas rivais declaradas, Inglaterra e França, estes países, cujo commercio exterior, longe de aumentar nas devidas proporções, estacionava ou baixava, viram-se impellidos pelos seus respectivos grupos de especuladores a empreender contra a devoradora Alemanha uma luta surda, mas sem tréguas.

Comêçaram por operar o vacuo em torno da Alemanha. Todos os países que dela se acercavam para tratar amigavelmente o menor assunto logo se viam solicitados e desviados do seu primeiro movimento pelas artes e manhas da Inglaterra e da França. A própria Itália, sua aliada por mais de vinte anos, viu-se tam seriamente assediada desde 1905, que pouco a pouco se foi desfazendo dos seus laços.

Tôdas as grandes concessões que o génio empreendedor e temerário dos capitalistas e industriaes alemães arrancavam em vários pontos do globo eram logo olhadas com recelo pelas suas rivais, Inglaterra e França, que á sua execução opunham todos os obstáculos possíveis e imagináveis.

Era preciso isolar a Alemanha das demais nações, encerrá-la no centro da Europa e impedir-lhe de crescer.

(Paris)

DIONÍSIO NOR

PELO THEATRO

A Natureza é um teatro imenso de constantes, variados e grandiosos espectáculos, que me aprez observar.

Quem não se maravilha com a magestade e beleza dos céus, ou não se extasia na contemplação da Flora e Fauna e seus papeis na economia do mundo organico-biológico, do qual fazemos parte integrante? Matizes variadíssimos, luz radiosa e difundida, cores, tons, harmonia, diversidades e variedades infantis: quem não admira enlevado tanto e tão mirabolantes quadros e panoramas—jardins, vergues, prados, florestas,—imponências urográficas, vastidões e abismos talassicos, a formidanda fenomenologia telúrica e meteorológica,—todas as manifestações da Matéria, toda a magnificência do Cosmos? Em toda a parte escolas típicas, lições, ensinamentos, para quem saiba atender e saiba reflectir. Numa gota de água, num raio de luz, numa areia, num microscópico rudo ha tanto mysterio, tanta sciencia, tanta maravilha como num grande mundo.

A sociedade humana, é tambem um grande teatro, e todos nós visjores corruptiveis, concupiscentes, egotistas, somos os actores da tragico-comédia, infanda, enorme, que as successivas gerações representam, fazendo a historia terrivel da Humanidade; e, por nosso natural cosmopolitismo e social relacionismo, somos simultaneamente os espectadores das nossas proprias tragico-comédias, em que nada ha de fantastico, se bem que ultrapassem muitas vezes as raias do absurdo, e em que tudo é realismo, se bem que o falso, o fictício, o estupendo e monstruoso, si predominem despoiticamente. É que a perversão logrou por toda a parte inverter a ordem natural, e onde a razão devia imperar absoluta e majestosa, triunfa o bruto instinto da besta fera.

Arroubam-nos as portentosas e pasmosas maravilhas naturais; mas quem não se comove ante um quadro de innocência ou de miséria? quem não sente piedade e compaixão, ante o venerando velhinho, deacrípulo, caduco, esfrangalhado e faminto? quem não se enternece ante uma pobre mãe estremeoendo seu querido infante, sacrificando tudo por elle—a própria honra e a vida, se a necessidade a violenta? Quem não se ira indignado contra as flagrantes injustiças e crueldades horrorosas dos homens que não cessam de verificar o dito do filósofo—*homo lupus hominis*?

Em geral, tanto me aprez é atrá o espectáculo—bello e delicioso ou majestoso e terrivel—da Natureza, quanto fujo ao pátetico ou violento, e atroz, da sociedade. Mas do teatro burguês, escola do vicio, donde a moral e a arte se ausentaram, retirei-me logo que a consciencia e a razão me evidenciaram tanta negrura e torpeza em vez de ética e de estetica, em vez de escola educativa de sentimento e de espirito.

Graças ao gentil convite dum velho amigo, fui no domingo 8 de agosto ao grandioso espectáculo em beneficio da Escola noturna do Centro e Biblioteca de Estudos Sociais; e qual não foi minha surpresa em presenca não só do edificante programa que se ia desenrolando, mas ainda pelo desempenho, relativamente correcto, que os intelligentes e apaixonados artistas-amadores davam conscienciosamente aos seus papeis! Foram justos os aplausos do publico.

1.º—O Triunfo. Um sábio hermetico trabalhara toda a vida á cata da pedra filosofal, sem lograr a conquista do velocino. Alfim, descobre um explosivo terrivel, capaz de aniquilar de vez a humanidade e o planeta. O imperador mandou seu General Bum comprar o infernal segredo homicida por um milhão. O velho rejubila por deixar assim rica a sua querida neta. O ajudante do Sábio, mancebo intelligente,

professando o mais bello e sublime ideal—o amor da justiça e da humanidade,—horrorizou-se, trava-do-se entre elle e o sábio no dialogo interessante, apaixonado, de caracter moral-social: as razões da moral burguesa, egotista e falsa do velho, fulminava-as e aniquilava-as o mancebo com os principios eternos de justiça e humanidade, amor e solidariedade, sciencia e verdade.

A scena é sobremodo impoigante, porque á neta do sábio e o nobre mancebo amam-se ternamente; e nesta colisão de paixões e sentimentos, o mancebo que tivera um gesto enorme de raiva e fúria imvera um gesto enorme de amor e sublimidade contra o velho maldito, foi sublimado quando, em lance terrivel, ao arrancar as fórmulas do explosivo ao velho, suspende o tiro ou golpe que fatalmente o prostraria morto, e, quando alucinado se precipitava na fuga deute outro infernal da Morte que visionava, eis que a neta se arroja para o seu amado que a idolatrava, e anciosa, nervosa, frenética, não o deixa, e num comoveto declamar de alma apaixonada, exora, obsecra, e o avô se enternece; confessa-lhe o amor por aquelle mancebo; e que renuncia a todas as riquezas e grandezas, e o velho cede, rasga a fórmula secreta do terrivel explosivo; mas, porque estava enfermo do coração, succumbiu a tamanhas emoções.

António—o Sábio, Henrique—o Ajudante, e Alda Bastos—a neta, muito bem; mas o Henrique tem pulmões e fonação demasiado fortes para um velho talvez octogenário soffrendo syncopes cardiacas; a tomar digitalina, ás portas da morte...

O general é uma figura apagada. Embora seja um cobarde, um Bum precisa ter mais fantasmões, mais vida, ser mais espalhafatoso, e Henrique nunca deve perdê-lo de vista, sendo preciso desconfiar sempre de um cobarde...

Seguiram-se: uma poesia—*Ferdida e achada*, pelo sr. Serafim Batista, que me parece bastante correcto na dicção e preciso e natural no gesto, pecando contudo por falta de nitidez fónica e por ventura por exagerar o grande defecto da nossa fonética nos sas xiados á lixibôta; os Monólogos, pelos petzitos Domingos e Madalena Couto, agradaram.

1.º—*Amanná*—Dramazinho em que figuram três personagens: Operário, Vagabundo e mãe dos dois. O primeiro, educado nos principios libertários, consciencioso, amparado da valhota, e revoltado contra as iniquidades sociais; o segundo, vítima dessas iniquidades, ao qual sua irmã deseja salvar do abismo, mas éra tarde; e a mãe, toda imbuida dos preconceitos e falsa moral da sociedade, éra uma fúria contra o desgraçado que o operário, de alma e coração despedaçados, agasalhava, e o martirio do filho que a amparava, mortificando-o de invectivas e impropérios por suas idéas redentoras.

A scena é verdadeira e os dialogos de um realismo flagrante, vivo, edificante.—Lima, Pereira e Isaura houveram-se perfeitamente, sem declamações impertinentes nem ateculações absurdas. O publico fez-lhes justiça com muitos e bem merecidos aplausos.

3.º—*Essas faladas*—Letra de Camillo Rodrigues e música de A. d'Arango Corrêa Júnior. É uma revista social num acto e três quadros. Simples, clara, rapida e concreta—uma espécie de synthese caledoscópica, pitoresca e apuhalante da cancerosa sociedade. É no jardim da Cordoaria, onde cáí subito um selenita junto do guarda do jardim que lhe serviu de ciceroe, explicando-lhe onde caíra, e fazendo allusões acriminosas aos estabelecimentos circumjacentes: cadeia, igreja dos clérigos, universidade, hospital—assuntos em contraste para *charge*. Em seguida começa a fita passando: ao fundo o pária, disciplinado, criado, vendedor de jornais, *filidinho*, agente da ordem, embriagado, vladrofo-magistrado, capitalista, livre-pensador, poeta, politico da opposição, politico governmental, Zé povinho, jogadores, fado, sopereta, Rosa, devota, etc.

Na boca dos próprios e na do ciceroe pöz o autor estufadas vibrantes de pungente ironia: numa sátira acerbissima faz rechinor, como se fosse com punção ignea, os canchros e pustulas da sociedade nas figuras típicas, etnológicas, que vão passando, bem caracterizadas. Nestas rapidas, successivas transições varias experimentam-se mil impressões diversas, instantaneas e a imagem da sociedade passa da retina ao cérebro onde se imprime com tanta clarividência como rapidez.

José dos Santos reproduz um grotesco verdilhão muito interessante: é J. D. Ferreira sabe-nos deliciar com seu magnifico agente da ordem. Supremo ridiculo e constante hilaridade. Todos os outros personagens se desempenharam muito bem dos seus papeis. Frenéticos e delirantes aplausos.

A apoteose de Ferrer causou enorme entusiasmo. Pareceu-nos que ficava muito na penumbra. Se fosse possível melhorar as coisas no palco de forma a ver-se bem de toda a sala?

Musica agradável e bem executada. No fim, chamadas ao autor, ensalador, e outras distincões. Estridentes palmas de verdadeiro entusiasmo. Muito bem.

Visionário.

Presos por Questões Sociais

Em sessão conjunta reuniram no passado Domingo os Comités Pró Presos por Questões Sociais, para deliberarem sobre o caminho a seguir em face dos camaradas que ainda se encontram presos á alguns anos, na penitenciaria, condemnados sem provas, a penas maiores, por motivo de reivindicacção proletaria.

Além doutros assuntos resolveu-se em breve promover dois comícios, um no Porto e outro em Gaia.

No próximo numero

NECESSIDADE DA REVOLUÇÃO

Por ANTONIO LOREDO